SUS no Calvário: representações da morte por Covid-19 no Brasil em charge de Quinho Ravelli12

Vanessa Krunfli HADDAD3
Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, SP

RESUMO

Analisamos as representações da morte por Covid-19 no Brasil em charge do desenhista Quinho Ravelli, publicada em seu perfil no *Facebook* em 3 de abril de 2021. O objetivo foi compreender como os retratos da morte por nós identificados interagiram, entre si e com o contexto sociopolítico brasileiro da época, para a produção de sentidos sobre pandemia no país. Usamos os conceitos de texto cultural, texto artístico, semiosfera e memória da cultura, de Iuri Lotman. A narrativa sequencial possibilitou a progressão gradual dos processos semióticos entre figurações da morte específicas à conjuntura brasileira, símbolos cristãos e o emblema humanitário da Cruz Vermelha. A sobreposição de sistemas sígnicos evidenciou causas das mortes e seus efeitos na sociedade, sobretudo nos profissionais da área da saúde.

PALAVRAS-CHAVE: Charge; Covid-19; morte; representação; Semiótica da Cultura.

Introdução

No prólogo do poema *O julgamento do rei de Navarra4*, o escritor e musicista Guillaume de Machaut (1300-1377) descreve alguns infortúnios que recaíram sobre a França na Idade Média: mudanças climáticas, eclipses do sol e da lua, guerras e a pestilência, à qual sobreviveu (MACHAUT, 2016). De acordo com Margaret Ehrhart (1980, p. 318, tradução nossa) essa obra "[...] tem sido elogiada pela verossimilhança com que descreve os alarmantes fenômenos sociais e meteorológicos de meados do século XIV e o desastre culminante desse período, a Peste Negra"5. Sobre as mortes decorrentes da Peste Bubônica, o poeta afirma:

> E qualquer um que se ocupasse de / Descobrir ou colocar por escrito / O número de mortos, /Aqueles que ainda aqui estão e que outrora estiveram, / E todos os que surgirão, / Jamais seria capaz de fazê-lo, / Por mais duro que trabalhasse. / Pois ninguém poderia enumerá-los, / Imaginar, conceber, ou falar a respeito deles, / Representar, dar a

1 Trabalho apresentado no GP Semiótica da Comunicação, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.
2 O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.
3 Mestranda em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), e-mail: haddad.vanessa@gmail.com.
4 No idioma original: *Jugement dou roy de Navarre.*
5 "[...] *has been praised for the verisimilitude with which it describes the alarming social and meteorological phenomena of the mid-fourteenth century, and the culminating disaster of that period, the Black Death*".

> conhecer, ou registrá-los. (MACHAUT, 2016, fol. 25r, versos 393- 402, tradução nossa6).

Apesar da distância temporal de quase 700 anos, o retrato literário que Machaut faz da epidemia europeia medieval em muito se assemelha com o que vivemos e/ou testemunhamos em todo o mundo durante a pandemia de Covid-19 (*Coronavirus Disease 2019*), especialmente antes do desenvolvimento e aplicação das vacinas em larga escala. Nunca saberemos o número exato de vidas ceifadas pela doença, assim como desconhecemos todas as mortes ocasionadas pela Peste Negra.

Escrevemos o presente artigo em meados de julho de 2022. Nesse momento, passados mais de dois anos desde a primeira morte por Covid-19 no Brasil, em 12 de março de 2020, no município de São Paulo, SP (OLIVEIRA, 2020), contabilizamos mais de 33 milhões de casos confirmados e quase 675 mil óbitos decorrentes da doença, em números oficiais[7]. No entanto, considerando a subnotificação das mortes e o impacto da Covid-19 nos serviços de saúde, entre outros fatores, calcula-se que o país ultrapassou essa marca. Um estudo global de revisão sistemática, publicado na revista *The Lancet* em março de 2022, computou a taxa de excesso de mortalidade[8] durante a pandemia em 191 países e territórios. De acordo com as análises estatísticas, o Brasil encerrou 2021 com aproximadamente 800 mil óbitos causados direta ou indiretamente pelo SARS-Cov-2 - *Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2*, o agente biológico desencadeador da doença (WANG et al., 2022; FERNANDES, 2022). Conforme essa pesquisa, estamos em quinto lugar entre os sete países com maior quantidade estimada de óbitos por Covid-19 não contabilizados durante o período de 1º de janeiro de 2020 a 31 de dezembro de 2021, atrás da Índia, Estados Unidos, Rússia e México (WANG et al., 2022).

Entretanto, como Guillaume de Machaut apresenta em seu poema, não se trata apenas de um problema numérico, mas também da impossibilidade de conceber a dor e o

6 "*And whoever wished to undertake / Discovering or putting down in writing/ The number of those who died, / Those who are still here and once were, /And all those to come, / Never would he be able to compass it, / However hard he might labor. / For no one could count them, / Imagine, conceive, or tell of them,/ Compute, make known, or record them.*"

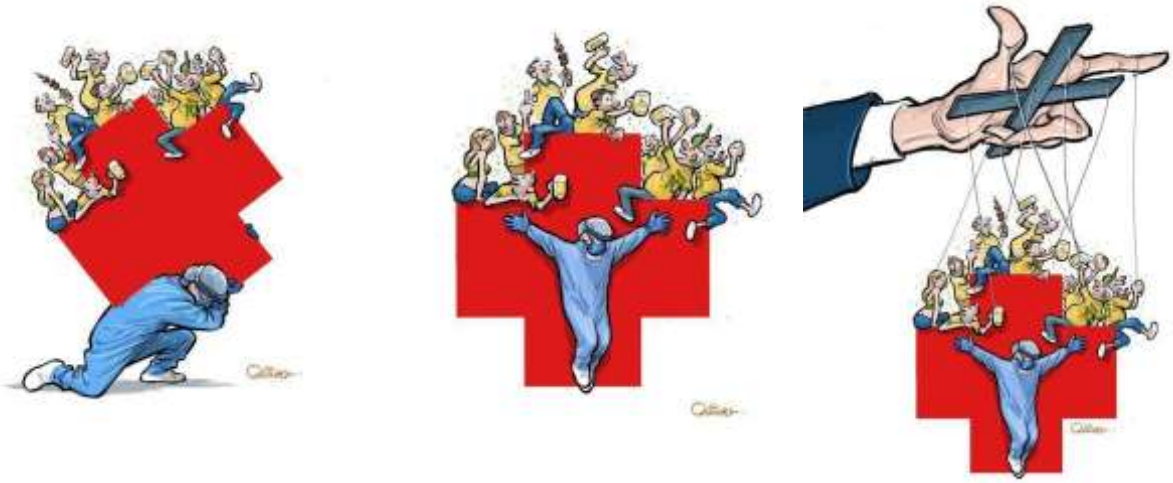
7 Em 19 de junho de 2022, o painel da Organização Mundial de Saúde - *WHO Coronavirus (Covid-19) Dashboard* – registrava, no Brasil, 674.482 mortes e 33.076.779 casos confirmados. Os dados foram obtidos em: https://covid19.who.int/region/amro/country/br. Acesso em: 18 jul. 2022.

8 "O excesso de mortalidade ao longo do tempo foi calculado como a mortalidade observada [...] menos a mortalidade esperada." (WANG et al., 2022, tradução nossa). Versão original: "*Excess mortality over time was calculated as observed mortality [...] minus expected mortality*."

terror das vítimas, de conhecer a história de famílias inteiras atingidas por uma "morte inacreditável" (MACHAUT, 2016), tenha ela ocorrido no século XIV ou no século XXI.

Embora seja impraticável imaginar, falar a respeito e retratar cada uma das inumeráveis vidas perdidas pela Covid-19, as diferentes culturas, em todo o mundo e, especificamente, no Brasil, são capazes de representar a morte pela doença em seus múltiplos aspectos: configurações, personificações, relações entre causas e efeitos etc. Este artigo analisa algumas dessas representações, contidas em uma charge sequencial de autoria do desenhista brasileiro Quinho Ravelli, publicada em seu perfil na rede social *Facebook* em 3 de abril de 2021 (Fig. 1).

Figura 1: *Via Crucis.* Charge de Quinho Ravelli.



Fonte: Perfil do artista no *Facebook*, 3 abr. 2021[9].

O nosso objetivo foi compreender como as figurações da morte, por nós identificadas no trabalho de Quinho, interagiram entre si e com o contexto sociopolítico da época para a produção de sentidos sobre pandemia no Brasil. O estudo é fundamentado pela teoria da Semiótica da Cultura, especialmente nos conceitos de texto cultural, texto artístico, semiosfera e memória da cultura, de Iuri Lotman.

Desde o início da pandemia, as charges brasileiras trabalham com frequência temas relacionados às mortes por Covid-19. Ao conectar circunstâncias políticas,

[9] Disponível em: https://www.facebook.com/photo.php?fbid=292256738933781&set=pb.100044483707483.-2207520000..&type=3, https://www.facebook.com/photo/?fbid=292275825598539&set=pb.100044483707483.-2207520000 e https://www.facebook.com/photo/?fbid=292284688930986&set=pb.100044483707483.-2207520000. Acesso em: 18 jul. 2022.

econômicas, históricas e socioculturais às questões de saúde pública, esse gênero jornalístico de opinião oferece visões críticas e abrangentes dos processos, práticas e crenças que colocaram o Brasil em segundo lugar no *ranking* de números absolutos de óbitos por Covid-19, atrás apenas dos Estados Unidos (WHO, 2022[10]), posição que mantém mesmo após a desaceleração das mortes em decorrência da vacinação (VALVERDE, 2021). Dessarte, a multiplicidade de informações e pontos de vista que o texto chárgico comporta e encadeia o torna um objeto de investigação rico em representações da morte.

Para este estudo, escolhemos uma produção de Marcos de Souza Ravelli, o Quinho, devido à sua relevância nos cenários nacional e internacional como cartunista, quadrinista, caricaturista, chargista e ilustrador. O artista, que trabalha, atualmente, para o jornal *Estado de Minas*, foi laureado em importantes eventos do setor, no Brasil e no exterior, entre eles o *Salão Nacional de Humor Henfil*, *Salão Internacional de Piracicaba*, *Troféu HQ Mix*, *Caricaturama Showdown 3.000* e *Prêmio Jornalístico Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos*. (SALÃO INTERNACIONAL DE HUMOR DE PIRACICABA, 1997, 1998; ILUSTRAR, 2011; GANDRA, 2020; PRÊMIO VLADIMIR HERZOG DE ANISTIA E DIREITOS HUMANOS, 2020).

Optamos pelo exame da charge chamada *Via Crucis* (Fig. 1) pelo seu formato sequencial, menos comum em textos chárgicos, os quais geralmente se apresentam em um único quadro. Essa estrutura aproxima a charge de uma narrativa em quadrinhos, similarmente às tiras cômicas, mas com a manutenção das particularidades do gênero jornalístico. Além de apresentar uma sequência temporal entre o primeiro e o segundo quadro, a charge em estudo toma emprestada a linguagem cinematográfica dos planos de visão, recurso comum das histórias em quadrinhos (RAMOS, 2019), o qual fica evidente no terceiro quadro. Esse arranjo enunciativo amplia as representações e suas intersecções; logo, nos permite melhor observação dos mecanismos semióticos.

A charge como texto cultural e artístico

Na Semiótica da Cultura, a palavra *texto* ganha uma leitura ampliada, para além dos enunciados e discursos verbais escritos, e pode se referir a quaisquer linguagens de

[10] Segundo a Organização Mundial de Saúde, os EUA contabilizavam 1.013.960 mortes por Covid-19 em 19 de junho de 2022. Dados disponíveis em: https://covid19.who.int/region/amro/country/us. Acesso em: 19 jul. 2022.
.

uma dada cultura, por meio das quais se materializam sentidos em signos. Por exemplo, um texto cultural pode ser tanto um ato religioso quanto uma dança, uma cosmologia ou uma pintura artística. Nessa perspectiva, a charge também é, como prática jornalística com signos comuns a certa comunidade, um texto cultural.

O texto chárgico também apresenta equivalências com as características do texto artístico, conforme formuladas por Iuri Lotman, um dos principais teóricos da Semiótica da Cultura. De acordo com ele, o texto da obra artística tem a capacidade de condensar informações e produz novas mensagens, não somente as transmite como as transforma (LOTMAN, 1996). Assim como os textos artísticos, charges são densas em termos de conteúdo crítico e informativo (ROMUALDO, 2000) sobre diversos acontecimentos e pontos de vista, por vezes conflitantes, entrelaçados no texto chárgico. Percebemos, então, que a heterogeneidade da charge se deve à soma de diferentes textos culturais trabalhados pelo chargista, cujos elementos podem ser conservados (por exemplo, fatos considerados essenciais para compreensão da mensagem) e/ou transformados (tradução dos acontecimentos de acordo com a visão de mundo do autor do texto chárgico). Essa diversidade na composição da charge nos leva a outra semelhança com o texto artístico: a complexidade semiótica.

O texto artístico "[...] esconde uma controvérsia extraordinariamente complexa e contraditória de diferentes mundos semióticos" (LOTMAN, 1996, p. 80, tradução nossa)[11]. Ele é composto por sistemas sígnicos que, por sua vez, são constituídos por subsistemas (ou subtextos) estruturalmente distintos. Assim também é com a charge, que apresenta várias e complicadas possibilidades de interação entre os signos que compõem sua linguagem. Tais relações são fundamentais para o processo de significação do texto chárgico, uma vez que "[...] um elemento faz o outro significar e recebe do outro o seu significado [...]" (ROMUALDO, 2000, p. 35). Salientamos que esse intricamento consiste no modelo pelo qual a linguagem da charge traduz os múltiplos textos culturais para o seu sistema semiótico. Por conseguinte, não há como analisar as relações internas da charge sem considerar sua ligação com o que ultrapassa suas fronteiras, ou seja, com os contextos de onde são retirados os textos culturais a serem ressignificados e combinados em seu interior (LOTMAN, 1996), - o que nos leva ao conceito de semiosfera.

[11] "[...] *oculta una controversia extraordinariamente compleja y contradictoria de diferentes mundos semióticos*".

A charge no espaço das semiosferas

Os textos artísticos e os demais textos culturais pertencem a um sistema maior, a semiosfera, "[...] termo que definimos como o espaço semiótico necessário à existência e funcionamento de diferentes linguagens [...]" (LOTMAN, 1996, p. 7, tradução nossa[12]). A princípio, entendemos que a charge integra semiosferas que envolvam os contextos sociopolítico e jornalístico dos fatos que retratam (imediatos e anteriores), uma vez que neles estão os elementos fundamentais para a elaboração do texto chárgico, além de serem indispensáveis para a decodificação e interpretação do seu teor. No caso da charge em análise, fazem parte de sua semiosfera, juntamente com o número crescente de mortos e infectados pela Covid-19, os contextos dos profissionais de saúde atuantes no combate ao vírus; dos atos e declarações do presidente da República, Jair Bolsonaro; e do comportamento de seus eleitores. A composição dessa charge implica, ainda, na comunicação com outras semiosferas.

Embora seja considerada uma unidade, uma semiosfera não é fechada em si: ela entra em contato e dialoga com outras por meio de suas fronteiras, que possuem pontos permeáveis à passagem de textos externos. Estes, para adentrarem uma semiosfera, precisam passar pelo processo de tradução - "[...] aquilo que está fora só pode integrar o espaço da semiosfera se for traduzido" (MACHADO, 2003, p. 159). Notamos, então, a importância da tradução para os processos de significação, seja entre semiosferas ou entre sistemas semióticos da mesma semiosfera (a exemplo do sistema charge em contato com o sistema político).

A charge de Quinho Ravelli pinça e traduz elementos de outras três semiosferas: a do cristianismo, uma vez que a obra alude à liturgia da Paixão de Cristo, que precede a comemoração da Páscoa; a dos símbolos nacionais brasileiros, especificamente a bandeira do Brasil; e a das representações ocidentais da morte, em particular o esqueleto humano.

A charge como texto portador de memória

[12] "[...] *término que definimos como espacio semiótico necesario para la existencia y funcionamiento de los diferentes lenguajes* [...]".

A interação da charge em estudo com as semiosferas citadas evidencia outra função do texto cultural: a de portar memória. O texto chárgico, notadamente, facilita o jogo semântico entre presente e passado característico dos fenômenos da memória, como lembranças, esquecimentos e ressignificações (LOTMAN, 1998). Isso se deve à propriedade de condensar de informações e ao uso de recursos expressivos como humor, ícones, símbolos, ambiguidade e figuras de linguagem (metáfora, analogia, paródia, comparação, paradoxo, hipérbole, ironia, metonímia etc.).

A cultura conecta-se à memória graças à função simbólica dos textos. Os símbolos "[...] possuem a capacidade de concentrar em si, conservar e reconstruir a *lembrança* de seus contextos precedentes"[13] (LOTMAN, 1998, p. 156, grifo do autor, tradução nossa). Eles funcionam como elementos significativos comuns em textos culturais diacrônicos. Essa capacidade torna os símbolos responsáveis pela ligação de diferentes camadas temporais da estrutura cultural.

Os símbolos possuem caráter invariante (formas, desenhos, letras, ideogramas, gestos, sons etc.) e variante, que corresponde aos sentidos por eles produzidos em cada contexto cultural sincrônico (LOTMAN, 1998). É a invariabilidade dos símbolos que os mantém na consciência coletiva e permite a reconstrução de significados gerados em épocas passadas. Já a característica de variabilidade confere dinamicidade a eles.

Contra os profissionais de saúde, a favor das aglomerações

Desde o início da pandemia, o presidente da República, Jair Bolsonaro, fez declarações que subestimavam o potencial de morbidade e mortalidade do SARS-Cov-2 e desafiavam as orientações, tanto da OMS quanto de cientistas e profissionais de saúde, de realização de *lockdown* para contenção da disseminação do vírus. Em pronunciamento em rede nacional de rádio e televisão, no dia 24 de março de 2020, Bolsonaro criticou governadores que adotavam medidas de prevenção, como o fechamento de escolas e do comércio, acusando-os de "confinamento em massa". O chefe do Executivo afirmou serem raros os casos fatais e garantiu: "No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar. Nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma gripezinha ou resfriadinho [...]" (SAID, 2020).

[13] Na versão em espanhol*: "[...] poseen la capacidad de concentrar en sí, conservar y reconstruir el recuerdo de sus contextos precedentes."*

Outros termos e expressões usados pelo mandatário em relação à Covid-19, entre março de 2020 e fevereiro de 2021, foram: "histeria", "neurose", "fantasia", "superdimensionamento", "conversinha mole de 'fica em casa'", "frescura", "mimimi", "demagogia", "pavor" e "excesso de preocupação" (FOLHA DE S. PAULO, 2021).

Em março de 2021, novo colapso no sistema de saúde brasileiro deu origem a matérias nos jornais *The New York Times*, *The Wall Street Journal* e *The Washington Post*; na revista britânica *The Economist* e na agência de notícias americana *Associated Press*. Esses veículos abordaram os problemas de diferentes estados brasileiros, como a escassez de medicamentos para intubação, oxigênio e profissionais de saúde; o esgotamento e os abalos emocionais daqueles que trabalham nas alas de combate à Covid-19; a variante P1, vista como uma ameaça global; os hospitais lotados, com listas de espera por leitos de UTI; e o consumo de desinformação pelos apoiadores de Jair Bolsonaro. Esses veículos de informação também sublinharam falhas do presidente brasileiro na gestão da pandemia, sua atuação contra o *lockdown*, defesa de remédios ineficazes contra a doença, "sabotagem" à restrição de circulação de pessoas, demora em encomendar vacinas e troca de três ministros da Saúde (BBC, 2021).

A situação dos profissionais de saúde brasileiros, um dos destaques da imprensa internacional sobre a Covid-19 no Brasil, simbolizou, desde o início do agravamento da pandemia no país, o descaso das autoridades com a vida da categoria e da população em geral. Médicos, enfermeiros, técnicos e auxiliares de enfermagem de diferentes estados lutaram contra a exaustão e frustração para salvar vidas em meio à insuficiência de recursos humanos (GOULART, 2020), Unidades de Terapia Intensiva (UTIs) lotadas e falta de equipamentos de proteção individual (BETIM, 2020).

No dia 1º de maio de 2020, profissionais de enfermagem foram intimidados por militantes bolsonaristas durante uma manifestação silenciosa, em frente ao Palácio do Planalto, em Brasília, que defendia o isolamento social e solicitava melhores condições de trabalho. Um deles chegou a agredir física e verbalmente os manifestantes, que estavam parados e seguravam cruzes em homenagem aos mortos pela Covid-19. O homem, que empurrava e gritava com os profissionais, vestia uma camisa amarela que continha os dizeres "meu partido é o Brasil", estampados na cor verde. Ele carregava nos ombros uma bandeira do Brasil (MARTINS, 2020). O presidente Bolsonaro, por sua vez,

disse a apoiadores que o fato foi superdimensionado pela mídia. Em suas palavras: "se houve agressão, foi verbal. O que eles fazem o tempo todo conosco." (BONIN, 2020).

A charge *Via Crucis* foi publicada em 3 de abril de 2021, sábado anterior ao domingo de Páscoa e data na qual o Brasil registrava 325.284 mortes por Covid-19 (WHO, 2021). Nesse mesmo dia, o presidente da República criticou a "política radical do fecha tudo", referindo-se às medidas de restrição de circulação de pessoas e comércio adotadas por alguns governadores (UOL, 2021); e o ministro Kassio Nunes Marques, do Supremo Tribunal Federal, indicado à corte por Jair Bolsonaro, liberou a realização de missas e cultos no país para a celebração da Páscoa (GORTÁZAR; MARREIRO, 2021).

Os sentidos produzidos pelas imagens e metáforas

Para a análise, consideramos os três quadros da charge como um único texto artístico/cultural. Cada um desses quadros foi pensado como um espaço sígnico distinto que opera em conjunto com os demais e interage com textos culturais tanto da semiosfera a qual pertence quanto de semiosferas distintas.

Esta charge não utiliza a linguagem verbal. Os sentidos são produzidos pelas representações visuais – desenhos, ícones e símbolos codificados pelas metáforas da Paixão de Cristo e do teatro de bonecos. A palavra se faz desnecessária: a narrativa acontece por meio da posição dos corpos e feições dos personagens, que indicam movimentos, sentimentos, comportamentos; do uso dos objetos; da relação entre os desenhos e de sua disposição em cada quadro; da ação e passagem do tempo, marcados no espaço pela mudança de uma imagem para a outra (RAMOS, 2019); dos planos visuais e as partes das cenas que cada um esconde ou expõe.

Jacques Wainberg (2017, p. 3) defende a ideia do "ato que fala", uma narrativa dissidente formada por encenações dramáticas que funciona como discurso persuasivo independente de palavras. "O relevante a destacar é o fato de que o silêncio do gesto dissidente implica n'algo, o de que o impronunciável será assim mesmo comunicado. Sua mudez é retórica e por isso mesmo ruidosa." (WAINBERG, 2017, p. 4). O autor usa a metáfora teatral para explicar a representação, crítica e de conotação política, de fatos através de imagens. Observamos que o ato que fala, considerado um "artifício linguístico" por Wainberg (2017, p. 3), é um também um recurso do texto chárgico.

Flôres (2002, p. 22) aborda o papel da metáfora nas charges. A pesquisadora considera que "[...] as metáforas constituem, na verdade, o repositório de nossas experiências anteriores, o lastro cultural sobre o qual estruturamos nosso viver". Quinho posiciona-se, na charge em investigação, em relação a todas as situações que implicam no sofrimento dos profissionais de saúde e no crescente número de óbitos, em abril de 2021, por meio de duas metáforas: o caminho de Jesus Cristo em direção ao Calvário e uma técnica de manipulação do teatro de bonecos. A criação e decodificação dessa charge passa pela experiência anterior do chargista e do leitor com os símbolos presentes na tradição cristã que envolvem a *Via Crucis* (Caminho da Cruz, em latim) e no espetáculo teatral de marionetes.

O símbolo da cruz conecta as diferentes camadas temporais e culturais que envolvem os relatos bíblicos, os ritos litúrgicos cristãos e a charge de Quinho Ravelli. No entanto, a imagem apresentada pelo chargista não é a da cruz cristã latina, que nos lembra a crucificação de Cristo. Esta "[...] divide desigualmente o madeiro vertical segundo as dimensões do homem em pé, com os braços estendidos, e só pode ser inscrita num retângulo (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p. 310). A cruz da charge remete ao emblema do Comitê Internacional da Cruz Vermelha, reconhecido internacionalmente como símbolo de assistência humanitária imparcial e proteção aos doentes, feridos e a quem lhes assiste em zonas de guerra (COMITÊ INTERNACIONAL DA CRUZ VERMELHA, 1998). A mesma representação, ou seja, a cruz formada "[...] pela intersecção de suas duas linhas retas, que coincide com o centro [...]" (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p. 309) e preenchida pela cor vermelha, indica a presença de hospitais, farmácias, clínicas etc.

Da mesma forma, quem carrega a cruz não é Jesus Cristo, mas um profissional de saúde. O reconhecemos pelo vestuário, que pode ser considerado um ícone - pois permite a relação direta entre imagem e significado, sem a utilização de signos arbitrários. A interpretação do personagem com roupas azuis como um trabalhador da área da saúde é reforçada pela relação existente, nas cenas da charge, entre o seu desenho e o da cruz vermelha, presente em letreiros de hospitais.

A metáfora consiste na associação entre o sofrimento e o sacrifício de Cristo e o suplício dos profissionais que trabalham na linha de frente de combate à Covid-19. No primeiro quadro, o trabalhador porta a cruz vermelha da mesma forma que Cristo carrega

a sua cruz a partir da II Estação da Paixão de Cristo (VATICANO, 2021) – a posição da cruz e do ser humano nas representações da charge e das imagens religiosas é a mesma. Na forma arqueada dos corpos estão implícitos o esforço e a dificuldade da empreitada. A charge, porém, acrescenta um elemento ao flagelo: o grupo de pessoas vestidas de verde, azul e amarelo, sem máscaras, comendo, bebendo e conversando sem qualquer distanciamento, sobre a cruz. Suas expressões faciais mostram tranquilidade e diversão, enquanto ao seu redor estão pequenos pontos em cores suaves, que interpretamos como o coronavírus causador da Covid-19. O clima, apesar da pandemia, é de comemoração, de desfrute do feriado da Semana Santa.

Identificamos estas pessoas como bolsonaristas por dois indicativos: o comportamento despreocupado e alheio às crescentes mortes por Covid-19 no país e as roupas nas cores da bandeira brasileira. As atitudes se justificam pela crença nas declarações de Jair Bolsonaro, sempre destoantes dos alertas da comunidade científica sobre a necessidade de isolamento ou, quando este não fosse possível, do distanciamento social e uso de máscaras.

As cores e a própria bandeira do Brasil passaram a ser adotadas pelos seguidores de Bolsonaro como símbolo de patriotismo somado a ideais conservadores e/ou de extrema direita. Vestir as cores da bandeira passou, para essa parcela da população, a significar a luta contra a corrupção, a defesa da família e da pátria e a resistência ao que consideram serem as pautas da esquerda (BALBI, 2020). A bandeira, como símbolo nacional, teve, assim, seus significados reconstruídos tanto pelos apoiadores de Bolsonaro quanto por aqueles que são contrários ao bolsonarismo. Os últimos não enxergam mais na bandeira o símbolo da nação, e não usam as suas cores em seu vestuário por vergonha ou receio de serem confundidos com o bolsonaristas (FERNANDES; FÓRNEAS, 2021).

No segundo quadro da charge, o profissional de saúde encontra-se pregado na cruz, assim como as representações de Cristo a partir da XI Estação da *Via Crucis* (VATICANO, 2021). Não há alteração na imagem das pessoas aglomeradas. Elas continuam presentes no quadro, em cima da cruz. Há uma elipse na narrativa entre o primeiro e o segundo quadro: uma descontinuidade entre as cenas que pressupõe a existência de ações não mostradas, porém subentendidas (RAMOS, 2019). Essas cenas ocultas seriam as Estações não representadas: as quedas de Jesus; os encontros com sua mãe, a mulher que limpou o seu rosto e as mulheres de Jerusalém; a ajuda recebida de

Simão de Cirene para a condução da cruz e o despojo de suas vestes (VATICANO, 2021). Concluímos que o profissional de saúde também passou por etapas não mostradas entre um quadro e outro, nas quais viveu períodos de aflição, exaustão, despedidas, humilhação e, também, foi consolado com gestos de solidariedade. Durante todas elas, carregou o grupo de pessoas junto com a cruz, como um fardo que não se alivia.

O terceiro quadro não demonstra uma mudança na cena, mas sim no plano de visão. Como se tivesse uma câmera de vídeo, o chargista distancia a cena para criar um plano geral (RAMOS, 2019), o que permite a visualização dos fios de marionete manipulados pela mão do presidente. Trata-se de uma revelação, a exposição do motivo pelo qual o trabalhador da saúde foi crucificado e morto. Inferimos que a mão que segura as madeiras de comando dos fios é do presidente pela parte da vestimenta que o chargista deixa aparente (punhos de uma camisa branca e de um terno, como o chefe do Executivo se apresenta em situações formais e protocolares), a cor da pele da mão (um tom rosado, como a pele do presidente) e, sobretudo, o contexto político, em que Bolsonaro utiliza palavras e atitudes a fim de convencer a população a sair às ruas desprotegida, apesar da crise sanitária.

A charge possui várias representações da morte por Covid-19: a mais impactante é a mão do presidente. Com suas próprias mãos, o mandatário da nação manipula seu eleitorado e o conduz à morte, não somente ele, mas todos os brasileiros que são afetados direta ou indiretamente por essa manipulação. Entre esses brasileiros, estão os trabalhadores da área da saúde, muitos dos quais morrem por Covid-19 ao serem infectados durante exercício de sua profissão. Mesmo quando não morrem, eles padecem de sofrimentos psíquicos e físicos em decorrência da sobrecarga dos hospitais e da falta de suporte por parte do governo federal.

As mãos do presidente são, então, as mãos da morte. O aspecto dado a elas pelo chargista é esquelético, o que pode ser entendido como uma referência a um símbolo ocidental da morte: o esqueleto. A forma como os dedos polegar e indicador foram dispostos se assemelha com o sinal de “arminha” rotineiramente feito por Jair Bolsonaro e imitado por seus apoiadores. Temos, desse modo, três textos sobrepostos: a mão do presidente, o esqueleto e o sinal feito com os dedos, todos com o mesmo sentido de morte.

O grupo de pessoas presente acima da cruz nos três quadros pode ser considerado uma representação das aglomerações e, também, do bolsonarismo, em mais um caso de

sobreposição de textos, ambos, novamente, com o sentido de morte. As duas representações deixam claro a atitude negacionista e a desconsideração às orientações para prevenção da disseminação do vírus, comportamentos que acarretam óbitos, inclusive daqueles que os praticam. O coronavírus, também presente na charge, é uma representação tanto da Covid-19 quanto da morte em decorrência da evolução da doença. Os desenhos do SARS-Cov-2 encontram-se próximos aos das pessoas aglomeradas, o que indica uma relação de retroalimentação.

A cruz vermelha, tanto a que representa a associação humanitária quanto a que faz referência a hospitais, não tem, em si, o sentido de morte. Embora mortes aconteçam nos locais que as utilizam, a ideia por trás dos símbolos é o cuidado, proteção e luta pela vida. Mesmo a cruz cristã não significa, necessariamente, a morte de Jesus, mas também a sua presença (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p. 310). No contexto da Paixão de Cristo, no entanto, ela simboliza seu suplício e morte. Esta cruz é substituída, na charge, pela cruz vermelha que, por esse motivo, também se torna uma representação da morte. Mas não da morte de Cristo, pois quem está pregado nela é o profissional da saúde. Assim, a cruz vermelha passa a significar a morte daqueles que combatem a Covid-19, que tratam e assistem os pacientes. Por sua vez, a morte desses profissionais, somada à escassez de recursos humanos, pode levar ao aumento dos óbitos por Covid-19. Temos, novamente, a sobreposição de textos: a cruz vermelha e a cristã, ambas com o sentido de morte, e o profissional de saúde e Jesus Cristo, os dois também mortos.

Considerações finais

A narrativa sequencial da charge analisada possibilitou a progressão gradual dos processos semióticos entre figurações da morte específicas à conjuntura brasileira (presidente Jair Bolsonaro, bolsonaristas, uso das mãos para indicar uma arma), símbolos e crenças cristãs (cruz e Paixão de Cristo) e o emblema humanitário da Cruz Vermelha. A sobreposição de sistemas sígnicos evidenciou as causas das mortes e seus efeitos na sociedade, sobretudo nos profissionais da área da saúde.

Referências bibliográficas

‘AMEAÇA à saúde pública global’: colapso dos hospitais no Brasil é destaque na mídia estrangeira. **BBC News Brasil.** 27 mar. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56551811>. Acesso em: 21 fev. 2022.

BALBI, Clara. Entenda como a bandeira do Brasil virou símbolo dos apoiadores de Bolsonaro. **Folha de S. Paulo**, 16 maio 2020. Disponível em: https://bit.ly/3ROeh1S . Acesso em: 20 jul. 2022.

BETIM, Felipe. Lotado, hospital da periferia de São Paulo retrata o improviso na luta contra a Covid-19: "Ore pelo meu pai". **El País**, 23 abr. 2020. Disponível em: https://bit.ly/3yYnZ9q . Acesso em: 4 jul. 2022.

BOLSONARO critica governadores e fala em resistência de prefeitos a medidas. **UOL**, 3 abr. 2021. Disponível em: https://bit.ly/3B6mvg0. Aceso em: 20 jul. 2022.

BONIN, Robson. Bolsonaro apoia militantes que agrediram profissionais da saúde. Veja, 5 maio 2020. Disponível em: https://bit.ly/3B6nYTy . Acesso em: 20 jul. 2022

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. 27 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

COMITÊ INTERNACIONAL DA CRUZ VERMELHA. **A proteção dos emblemas da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho**. 31 jan. 1998. Disponível em: https://www.icrc.org/pt/doc/resources/documents/misc/5tndf2.htm. Acesso em: 5 jul. 2022.

EHRHART, Margaret J. Machaut's 'Jugement dou roy de Navarre' and the book of Ecclesiastes. **Neuphilologische Mitteilungen**. [S.l.], vol. 81, n.. 3, p. 318–325, 1980. Disponível em: http://www.jstor.org/stable/43343345. Acesso em: 20 jul. 2022.

FERNANDES, Samuel. Mortes ligadas à Covid podem ser o triplo do total registrado no mundo, aponta estudo. **Folha de S. Paulo**. 11 mar. 2022. Disponível em: https://bit.ly/3v4X7n0. Acesso em: 16 jun. 2022.

FERNANDES, Vítor; FÓRNEAS, Vítor. Verde e amarelo: como Bolsonaro 'sequestrou' bandeira do Brasil e dividiu uma nação. BHAZ, 28 set. 2021. Disponível em: https://bit.ly/3yYpDI8. Acesso em: 20 jul. 2022.

FLÔRES, Onici. **A leitura da charge**. Canoas: ULBRA, 2002.

GANDRA, Frederico. Quinho, chargista do Estado de Minas, ganha prêmio internacional. **Portal UAI**, 10 jan. 2020. Disponível em: https://bit.ly/3PGp10r. Acesso em: 19 jul. 2022.

GORTÁZAR, Naiara Galarraga; MARREIRO, Flávia. No auge da pandemia, Nunes Marques, do STF, libera missas e cultos enquanto Bolsonaro e ministro da Saúde rejeitam "fechamento total". El País, 3 abr. 2021. Disponível em: https://bit.ly/3PGo7kz . Acesso em: 20 jul. 2022.

GOULART, Josette. Manaus testemunha a 'hora da morte' por Covid-19. "As pessoas morrem sozinhas. Sozinhas, sozinhas, sozinhas." **El País**, 1 maio 2020. Disponível em: https://bit.ly/3okuD4U. Acesso em: 4 jul. 2022.

LOTMAN, Iuri. **La semiosfera I**: semiótica de la cultura y del texto. Madrid: Catedra Ediciones, 1996.

LOTMAN, Iuri. **La semiosfera II**. Madrid: Ediciones Cátedra, 1998.

MACHADO, Irene. **Escola de Semiótica**: a experiência de Tártu-Moscou para o estudo da cultura. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

MACHAUT, Guillaume de. Le Jugement dou Roy de Navarre. In: _____; PALMER, Barton R. et al (ed.). **Guillaume de Machaut: The Complete Poetry and Music**. Kalamazoo: Medieval Institute Publications, 2016. v. 1: The Debate Poems. Disponível em: https://bit.ly/3ogYJGm. Acesso em: 15 jul. 2022.

MARTINS, Humberto. Apoiador de Bolsonaro é filmado hostilizando enfermeiros em Brasília. **Estado de Minas,** 1º maio 2020. Disponível em: https://bit.ly/3BmWOrN . Acesso em: 20 jul. 2022

OLIVEIRA, Marina. Ministério da Saúde corrige data da primeira morte por Covid-19 no Brasil. **Congresso em Foco**, 27 jun. 2020. Disponível em: https://bit.ly/3Pn2jdP . Acesso em: 5 jul. 2022.

PORTFÓLIO: Quinho. **Revista Ilustrar**, [S.l.], n. 20, p. 4a -11b, 2011. Disponível em: https://revistailustrar.com.br/wp-content/uploads/2020/12/revista_ilust_20.pdf. Acesso em: 19 jul. 2022.

PRÊMIO JORNALÍSTICO VLADIMIR HERZOG DE ANISTIA E DIREITOS HUMANOS, 42., 2020, [S.l.]. **Prêmio Destaque Vladimir Herzog Continuado**... [S.l.: s.n.], 2020. Disponível em: https://bit.ly/3zoBxMV. Acesso em: 5 jul. 2022.

RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. São Paulo: Contexto, 2019.

RELEMBRE o que Bolsonaro já disse sobre a pandemia, de gripezinha e país de maricas a frescura e mimimi. **Folha de S. Paulo**, 5 mar. 2021. Disponível em: https://bit.ly/3B2JCIg. Acesso em: 20 jul. 2022.

ROMUALDO, Edson Carlos. **Charge jornalística:** intertextualidade e polifonia: um estudo de charges da *Folha de S. Paulo*. Maringá: Eduem, 2000.

SAID, Flávia. Em meio à pandemia, Bolsonaro quer crianças de volta à escola. **Congresso em Foco**, 24 mar. 2020. Disponível em: https://bit.ly/3ojMUza . Acesso em: 20 jul. 2022

SALÃO INTERNACIONAL DE HUMOR DE PIRACICABA, 24., 1997, Piracicaba. Disponível em: https://bit.ly/3v08wo0. Acesso em: 19 jul. 2022.

SALÃO INTERNACIONAL DE HUMOR DE PIRACICABA, 25., 1998, Piracicaba. Disponível em: https://bit.ly/3RJjKHn .Acesso em: 19 jul. 2022.

VALVERDE, Ricardo. Números comprovam os efeitos amplamente positivos da vacinação. **Agência Fiocruz de Notícias**, 26 nov. 2021. Disponível em: https://agencia.fiocruz.br/numeros-comprovam-os-efeitos-amplamente-positivos-da-vacinacao. Acesso em: 5 jul. 2022.

VIA-SACRA. Presidida por Sua Santidade o Papa Francisco. **Vaticano**, 2 abr. 2021. Disponível em: https://www.vatican.va/news_services/liturgy/2021/documents/ns_lit_doc_20210402_via-crucis-meditazioni_po.html. Acesso em: 20 jul. 2022.

WAINBERG, Jacques Alkalai. A comunicação dissidente e os atos que falam. **Revista FAMECOS**. Porto Alegre, v. 24, n. 1, ID23589, 2 jan. 2017. Disponível em: http://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2017.1.23589. Acesso em: 4 jul. 2022.